

O CÍRCULO DO TEMPO: INTRODUÇÃO À LEITURA DE *CLARO ENIGMA*

Silvio Holanda
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *Este artigo visa a um estudo interpretativo da poesia drummondiana a partir de uma leitura de Claro Enigma, destacando o niilismo poético e a dialética memória x esquecimento presente na problematização do tempo e da condição humana proposta pelo lirismo corrosivo de Drummond.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *O lirismo drummondiano; Os temas da morte, do tempo e da família; Memória, esquecimento e tempo; A metapoesia e a poesia filosófica na modernidade.*
- **RÉSUMÉ:** *Etude interprétatif sur la poésie drummondienne à partir d'une lecture de Claro Enigma, tout en mettant en relief le nihilisme poétique et la dialectique mémoire vs oubli présente dans la problematisation du temps et de la condition humaine proposée par le lyrisme corrosif de Drummond.*
- **MOTS-CLÉS:** *Le lyrisme drummondien; Les thèmes de la mort, du temps et de la famille; Mémoire, oubli et temps; La métapoésie et la poésie philosophique dans la modernité.*

“Que metro serve
para medir-nos?
Que forma é nossa
e que conteúdo? (Andrade, 1983, p.264)

Se de nosso nada possuímos
salvo o apaixonado transporte
— vida e paixão” [...] (Andrade, 1983, p.264)

Os quarenta e seis poemas de *Claro Enigma*¹ — sob a epígrafe de Valéry: “Les événements ménnuient” — estão distribuídos em seis partes: *Entre lobo e cão; Notícias amorosas; O menino e os homens; Selo de Minas; Os lábios*

¹ A obra foi publicada, pela primeira vez, em 1951 pela Editora José Olympio.

cerrados; A máquina do mundo. As referidas partes não demarcam, de modo estanque, o texto drummondiano de 1951, uma vez que os principais temas tratados — o tempo, a família, a morte, a metapoesia, etc. — circulam livremente pelas partes que compõem a obra.

Ao leitor do Drummond de 1940 imerso no tempo histórico em que está situado:

Mãos dadas

“O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”

(Andrade, 1983, p.132²).

o lirismo niilista de *Claro Enigma* oporá o desafio de uma leitura que não se pretende sustentada unicamente pelo engajamento. A palavra poética, sem a caução do engajamento postulado por Sartre em *Qu'est-ce la Littérature?*, tem a sua validade discutida e o poeta, diante do mundo, é um exilado que muito pouco tem a oferecer a este:

Remissão

“e nada resta mesmo do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo em suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo do teu ser?”

(Andrade, 1983, p.263)

O mundo surge-nos no lirismo maduro de Drummond como um vazio desabitado mesmo pelo amor:

² Neste texto, utilizarei a seguinte edição: ANDRADE, Carlos Drummond de. “Claro Enigma”. In: —. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. 1534 p., p. 261-307.

Dissolução

“Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.”

(Andrade, 1983, p.262)

O lirismo reflexivo da modernidade — Rilke, Guillén, Valéry, João Cabral de Melo Neto — repercute em *Claro Enigma* e confere-lhe um dos mais altos momentos do texto, na sua inquietude quanto aos aspectos pragmáticos da poesia. Tal inquietude surge da nulidade operacional do poético diante dos problemas do mundo e da incapacidade daquele para aplacar as dores humanas. O poético não pode redimir o mundo:

Legado

“Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.”

(Andrade, 1983, p.264)

O homem, na perspectiva aberta por *Claro Enigma*, apresenta-se como um ser vazio e entregue ao furo da existência:

Um boi vê os homens

“[...] Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os [os homens] torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme.”

(Andrade, 1983, p.266)

Redimensionando pelo verbo poético a condição humana, a poesia drummondiana faz-se reflexiva e niilista³ e

³ Alfredo BOSI, *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 441: “Escavar o real mediante um processo de interrogações e negações que acaba revelando o vazio à espreita do homem no coração da matéria e da História. Moara – Rev. dos Cursos de Pós-Grad. em Letras UFPA. Belém, n.7, p. 27-44, jan./jun., 1997

afeto humano que se valem do disfarce, da rigidez, da adoração, contra as quais ele opõe uma paradoxal “fiel indiferença”:

Aspiração

“E não queria o amor, sob disfarces tontos
da mesma ninfa desolada no seu ermo
e a constante procura de sede e não de linfa,
e não queria a simples rosa do sexo,

abscondido, sem nexos, nas hospedarias do vento,
como ainda não quero a amizade geométrica
de almas que se elegeram numa seara orgulhosa,
imbricamento, talvez? de carências melancólicas.”
(Andrade, 1983, p.274)

A 2ª parte de *Claro Enigma — Notícias Amorosas* — compõe-se de 7 poemas, a saber: *Amar*, *Entre o ser e as coisas*, *Tardes de maio*, *Fraga e sombra*, *Canção para álbum de moça*, *Rapto*, *Campo de Flores*. Em meio à falência geral do mundo, o amor, tal como o sonho na 1ª parte da obra, é tomado pela vacuidade e pelo esquecimento, corroído⁵ pela ingratidão e pelo medo:

Amar

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.
Amar a nossa falta de amor, e na secura nossa
amar a água implícita, e o beijo, e sede infinita.
(Andrade, 1983, p.275)

⁵ Quanto à corrosão como um princípio organizador do lirismo drummondiano, cf. Luiz Costa LIMA, *Lira & Antilira* (Mário, Drummond, Cabral), passim.

Em *Tardes de maio*, o tópos da morte de amor, presente já no lirismo occitânico, em Petrarca e nos velhos cancioneiros portugueses, é esvaziado numa reflexão plena de amargura:

Tardes de maio

“Se morro de amor, todos o ignoram
e negam. O próprio amor se desconhece e maltrata.
O próprio amor se esconde, ao jeito dos bichos caçados;
não está certo de ser amor [...]”
(Andrade, 1983, p.277)

Toda a imagética do vazio e da dissolução ressurgem na 2ª parte. Em *Fraga e sombra*, por exemplo, em meio à luz crepuscular da tarde, a existência convive com uma anulação latente:

Fraga e sombra

[...] calcamos em nós, sob o profundo
instinto de existir, outra mais pura
vontade de anular a criatura.
(Andrade, 1983, p.274)

Consciente de que, sobretudo na modernidade, o poético não se circunscreve ao lírico, Drummond escreve um poema de *andamento* narrativo, *Canção para álbum de moça*. Tratando da indiferença da amada, insensível ao “carinho preso/no cerne deste bom dia” (Andrade, 1983, p.278), o sujeito poético conscientiza-se de que o amor só é alumbramento no espaço exíguo do hipotético:

Canção para álbum de moça

“Ah, se um dia respondesses
ao meu bom dia: bom-dia!
Como a noite se mudara
no mais cristalino dia!”
(Andrade, 1983, p.278)

e de que o beijo pode encerrar o soluço da dor e a tristeza:

Rapto

“e se há no beijo estéril um soluço
esquivo e refochado, cinza em núpcias
e tudo é triste sob o céu flamante
[...]
Baixemos nossos olhos aos desígnios
da natureza ambígua e reticente:
ela tece, dobrando-lhe o amargor,
outra forma de amor no acerbo amor.”
(Andrade, 1983, p.279)

No poema *Campos de Flores*, em que se tematiza o amor maduro, o sujeito poético apresenta a sua visão mítica do amor, recorrendo ironicamente à tradição lírica petrarquista, sobretudo ao estilo antitético e oximórico desta:

Campo de Flores

“Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.”
(Andrade, 1983, p.279)

A doação é minada pela ironia — forma singular da corrosão drummondiana:

Campo de Flores

[...] *E talvez a ironia
tenha dilacerado a melhor doação.
Há que amar e calar.
Para fora do tempo arrasto os meus despojos*
(Andrade, 1983, p.274)

O *Menino e os Homens*, 3ª parte de *Claro Enigma*, apresenta apenas 4 poemas. No primeiro texto, intitulado *A um varão, que acaba de nascer*, o eu lírico toma a cargo apresentar

o mundo ao menino, expondo uma visão do homem *sub specie doloris*:

A um varão, que acaba de nascer

“Todos vêm tarde. A terra
anda morrendo sempre,
e a vida se persiste,
passa descompassada,
[...]
No escuro prosseguimos.
Num vale de onde a luz
se exilou
[...]
a todos como a tudo
estamos presos. E
se tentas arrancar
o espinho de teu flanco,
a dor em ti rebate
a dor do espinho arrancado.
Nosso amor se mutila
a cada instante. A cada
instante agonizamos (Andrade, 1983, p.281)

No texto acima mencionado, só à criança é dada não a eliminação do sem-sentido do mundo, mas o amor motivado:

A um varão, que acaba de nascer

“Para amar sem motivo
em motivar o amor
na sua desrazão,
Pedro, veste ao mundo.”
(Andrade, 1983, p.274)

A morte, no último poema da 3ª parte, é, ao mesmo tempo, lamento — inócuo — e exemplo das perdas afetivas impostas ao homem pelo tempo:

Aniversário

“Os cinco anos de tua morte
 esculpiram já uma criança.
 Moldada em éter, de tal sorte,
 ela é fulva e no dia ela avança.”
 (Andrade, 1983, p.283)

A paisagem de Minas — núcleo temático da 4ª parte: *Selo de Minas* — não é evocada por um lirismo de identificação com o objeto, mas baudelairianamente como manifestação do conflito entre o sujeito e o objeto:

Morte das Casas de Ouro Preto

A morte baixou dos ermos,
 gavião molhado. Seu bico
 vai lavrando o paredão
 (Andrade, 1983, p.274)

O título *Estampas de Vila Rica* engloba 5 poemas ligados a prédios históricos da cidade mineira. Os textos são menos reunidos sob a égide de um lirismo ingenuamente exaltatório que pela tematização da morte e da corrosão subjacente à vida. Leia-se o poema “Carmo”:

“Não bebas a esta fonte
 nem toques nos altares.
 Todas estas são prendas
 dos mortos do Carmo.

Quer nos azulejos
 ou no ouro da talha,
 olha: o que está vivo
 são mortos do Carmo.”
 (Andrade, 1983, p.286)

O sem-sentido do mundo não é remido pela crença como um plano transcendental que nos libertaria da fragilidade do

“tempo voraz”. Diante da Igreja de São Francisco, o eu lírico, conquanto esteticamente arrebatado, declara:

São Francisco de Assis

“Senhor, não mereço isto.
 Não creio em vós para vos amar
 [...]”
 Dai-me, Senhor, a só beleza
 destes ornatos. E não a alma.”
 (Andrade, 1983, p.286)

O tema do tempo — corrosivo e fugaz — inflete, *Museu da Inconfidência*, numa avaliação da história. Diante dos restos de uma história (autos, casas, roupas, etc.), o sujeito poético questiona a existência de uma história como tempo pleno, memória total, linear e contínua, propondo-nos, antes, uma memória inapelavelmente escavada pelo esquecimento:

Museu da Inconfidência

Macia flor de olvido,
 sem aroma governas
 o tempo ingovernável.
 Muros pranteiam. Só.

Toda a história é remorso.
 (Andrade, 1983, p.287)

Após a seqüência de *Estampas de Vila Rica*, seguem-se 3 poemas longos, pontos máximos do corpus lírico de *Claro Enigma*. Aqui nos cingiremos a apontar algumas linhas de leitura. Em *Morte das Casas de Ouro Preto*, assistimos à dissolução da matéria e, a partir de uma metáfora nuclear — a chuva —, à eclosão de uma imagética corrosiva:

Morte das Casas de Ouro Preto

Só a chuva monorrítmica

sobre a noite, sobre a história
goteja. Morrem as casas.

[...]

Como bate, como fere,
como trespassa a medula,
como punge, como lanha
o fino dardo da chuva

(Andrade, 1983, p.286)

Latente nas primeiras estrofes do poema em foco, o tema da morte é retomado aqui num sentido cósmico:

Morte das Casas de Ouro Preto

“Não basta ver morte de homem
para conhecê-la bem.

Mil outras brotam em nós,
à nossa roda, no chão.

A morte baixou dos ermos,
gavião molhado. Seu bico
vai lavrando o paredão
e dissolvendo a cidade.

[...]

uma colcha de neblina
(já não é a chuva forte)
me conta por que mistério
o amor se banha na morte.”

(Andrade, 1983, p.288)

Canto Negro — evocação do convívio infantil com os negros pelo eu lírico — e o 2º poema longo da 4ª parte. Lembrando, sob alguns aspectos, o *opus magnum* de Gilberto Freire (*Casa Grande & Senzala*), o poeta trabalha a imagem do negro nas tarefas domésticas da *Casa Grande*, tarefas que incluem o sexo:

Canto Negro

[...] E amávamos
a comum essência triste
que transmutava os carinhos

numa visguenta doçura
de vulva negro-amaranto
(Andrade, 1983, p.289)

O erotismo drummondiano,⁶ que alguns desatentos leitores julgam ter surgido abruptamente em *Amor Natural*, está presente em *Canto Negro*. A mulher negra, que há de diferenciar-se, com Gilberto Freire, da mulher escrava, é objeto de uma volúpia que não é negada em função de alguma barreira ética ou preconceituosa:

Canto Negro

“Amada,
talvez não, mas que cobiça
tu me despertavas, linha
que subindo pelo artelho,
enovelando-se no joelho,
dava ao mistério das coxas
uma ardente pulcritude”
(Andrade, 1983, p.289)

Os temas ligados à terra e à família, estudados por Joaquim-Francisco Coêlho em *Terra e Família na Poesia de Carlos Drummond de Andrade*, podem ser interpretados a partir de uma leitura mais pormenorizada de *Os bens e o sangue* — aliança de lirismo e narrativa numa abordagem finamente irônica das relações familiares. A corrosividade, a desagregação, a dissolução, instalam-se no seio mesmo da família patriarcal pela fragilidade dos herdeiros;

Os bens e o sangue — II

“Mais que todos deser damos

⁶ Uma leitura do erotismo drummondiano mais atenta e fundamentada na melhor crítica novecentista encontra-se na brilhante Dissertação de Mestrado da Professora Lívia Barbosa (Departamento de Comunicação/UFPA) sobre o poema “A Faca”, ainda inédita.

deste nosso oblíquo modo
 um menino inda não nado
 (e melhor não fora nado)
 que de nada lhe daremos
 [...] mas que por frágil é ágil
 e na sua mala-sorte
 se rirá ele da morte.”
 (Andrade, 1983, p.291)

O sujeito poético discute a sua relação oblíqua e paradoxal com os parentes, numa espécie de negação oximoricamente afirmativa:

Os bens e o sangue” — VIII

Ó desejado,
 ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
 à maneira de um lago de pez e resíduos letais...
 És nosso fim natural e somos teu adubo,
 tua explicação e tua mais singela virtude...
 Pois carecia que um nos nos recusasse
 para melhor servir-nos. Face a face
 te contemplamos e é teu esse primeiro
 e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.
 (Andrade, 1983, p.294)

Seis poemas — *Convívio*, *Permanência*, *Perguntas*, *Carta*, *Encontro* e *A Mesa* — formam a 5ª parte de *Claro Enigma* sob a designação de *Os Lábios Cerrados*. No primeiro poema, “Convívio”, o tema da morte, sempre a circular na obra, apresenta-se como memória do morto, sendo que a presença da morte na vida pode transformar-se em uma existência na morte, como se os homens existissem nos mortos:

Convívio

“Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles
 [não vivem senão em nós
 e por isso vivem tão pouco, tão intervalado, tão débil.

Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se
 [chama tempo.
 [...] Ou talvez existamos somente neles, que são omissos, e nossa
 [existência,
 apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram.”
 (Andrade, 1983, p.295)

Em *Permanência*, o amor é concebido como eterno na sua dialética de união e separação, memória e esquecimento, em meio à fragilidade do humano condenado a amar ainda depois de perder:

Permanência

[...] eterno é o amor que une e separa, e eterno fim
 (já começara, antes de ser), e somos eternos.
 O esquecimento ainda é memória, e algoas de sono
 selam em seu negrume o que amamos e fomos um dia
 ou nunca fomos [...] (Andrade, 1983, p.296)

A impossibilidade de uma plenitude a ser transmitida trivialmente ao outro impõe-se ao leitor em *Carta*:

Carta

Rápido é o sonho, apenas,
 que se vai, de mandar
 notícias amorosas
 quando não há amor
 a dar ou a receber;
 quando só há lembranças,
 ainda menos, pó,
 menos ainda, nada
 nada de nada em tudo
 (Andrade, 1983, p.294)

A figura do pai morto é evocado pelo eu lírico em *Encontros* e *A Mesa*, esse último é um longo poema lírico-

narrativo de 341 versos, cujo estudo exigiria um adendo à parte, que, por agora, não podemos realizar. É de salientar, contudo, que tal texto se nos apresenta como uma síntese do percurso temático proposto em *Claro Enigma*: as relações familiares analisadas à luz da dialética memória x esquecimento; a definição de uma poesia que não se circunscreve à lírica, espreado-se pelo narrativo; a imagética ligada ao vazio e ao nada.

A mesa drummondiana — verdadeiro ágape da existência — difere da Távola Redonda; não aponta para o transcendental, mas para o tempo humano, frágil, rasurado e corroído pelas frustrações e perdas:

A Mesa

“Estais acima de nós,
acima deste jantar
para o qual vos convocamos
por muito — enfim — vos queremos
e, amando, nos iludirmos
junto da mesa
vazia.”

(Andrade, 1983, p.302)

A máquina do tempo — sexta e última parte de *Claro Enigma* — apresenta dois únicos poemas: *A máquina do tempo* e *Relógio do Rosário*. O primeiro texto, cuja organização estrófica apresenta 32 tercetos, foi minuciosamente analisado e interpretado por José Guilherme Merquior em *Razão do Poema*, salientando a recusa a uma explicação total da vida pelo apego ao imanente possível e aos limites do humano:

A máquina do mundo

“baixei os olhos, incuriosos, laço,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara

sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.

(Andrade, 1983, p.305)

Fechando o volume, *Relógio do Rosário* apresenta um raro recorte estrófico em Drummond: o dístico rimado, 22 ao todo. O sujeito poético, intérprete do *choro pânico do mundo* (v.4) e de sua própria dor, faz desta uma sensação cósmica, lembrando, na tradição lírica luso-brasileira, Antero de Quental e o seu lirismo schopenhaueriano:

Relógio do Rosário

*dor de tudo e de todos, dor sem nome,
ativa mesmo se a memória some*
[...]
*dor do espaço e do caos e das esferas,
do tempo que há de vir, das velhas eras!*
(Andrade, 1983, p.306)

Como a mostrar que as partes de *Claro Enigma* não são circunscrições estanques, a 2ª parte é retomada tematicamente no *Círculo do Tempo*. A partir do 15º dístico, o eu lírico volta-se para a definição do amor e da existência sob a égide da dor:

Relógio do Rosário

“Não é pois todo amor alvo divino,
e mais aguda seta que o destino?

Não é motor de tudo e nossa única
fonte de luz, na luz de sua túnica?”
(Andrade, 1983, p.294).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 34.ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- COELHO, Joaquim-Francisco. *Terra e Família na Poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Belém: UFPA, 1973.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira & Antilira* (Mário, Drummond, Cabral). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do Poema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. *Verso universo em Drummond*. Trad. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond, o "gauche" no tempo*. Rio de Janeiro: Lia, 1972.
- TELLES, Gilberto Mendonça. *Drummond — a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.